

ENTREVISTA COM HERVAL

LIDERANÇA E MUTIRANTE DO CONJUNTO FERNÃO DIAS

DATA:17/12/2021

LOCAL: ONLINE

PARTICIPANTES:

Roberto Eustaáquio

Giselle

Josiany

Herval

TAGS:

Dados Gerais

Habitação

Relações de vizinhança e ações comunitárias

Fase de mobilização

Fase de projeto

Fase de obra

Pós-Ocupação

Lista de siglas:

APP- Área de Preservação Permanente

ASP- Assessoria Social e Pesquisa

CASA- Centro de Apoio aos Sem Casa

COMFORÇA- Comissão Municipal de Acompanhamento e Fiscalização da Execução do Orçamento Participativo

CONAM- Confederação Nacional das Associações de Moradores

CRTT- Comissões Regionais de Transportes e Trânsito

PRODABEL - Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte

URBEL – Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

UMEI- Unidades Municipais de Educação Infantil

UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais

PUC- Pontifícia Universidade Católica

UNA- União de Negócios e Administração Ltda.

UNI- Centro Universitário de Belo Horizonte

[Dados gerais]

Giselle: [...] Foi Maria da Luz e a gente conversou também com a Elenice do Fernão Dias e elas contaram já pra gente bastante da história do conjunto. E aí a gente queria muito escutar a sua versão também dessa história. Elas disseram que você participou ativamente do processo, chegou a

compor a coordenação, a diretoria. E aí eu queria saber o seu envolvimento com o movimento de moradia de Belo Horizonte, como que isso se iniciou.

Herval: A minha participação no movimento pró moradia em Belo Horizonte, tá? Começou antes de 1993, cujo o primeiro conjunto habitacional foi construído por gestão pública no bairro Dom Silvério, um conjunto de casas e... Eu fui participando, fui contemplado também, fui contemplado com um apartamento no Fernão Dias. Sim, eu participei da diretoria da associação. Eu fui fiscal de obra, eu fui segurança do trabalho durante a semana e aos finais de semana a gente tinha os mutirões, cujo eu coordenava também toda a parte de segurança, de presença. Então, esses anos todos, além da contemplação no Fernão Dias, eu venho coordenando grupo de moradia atualmente também, então não parei, mesmo tendo sido contemplado eu ainda herdei a coordenação de mais três Associações, cujo nós ainda estamos ativos. Em relação ao Fernão Dias, a Maria da Luz foi a última presidente da associação. Ela participou até a entrega como presidente, mas ainda permanece presidente, porque a Associação está ativa; ela não administra o condomínio hoje, mas o início das obras do Residencial Fernão Dias se deu em março de 1999, o projeto é de 1996. Lá são 144 unidades habitacionais no tamanho de 55, 95 m² são três quartos cada unidade. São nove blocos, certo? É o único Residencial em Belo Horizonte localizado num bairro de classe média alta. Pra mim é muito fácil falar do Fernão Dias, mesmo porque eu nasci e fui criado no bairro ao lado que se chama São Marcos. Eu entrei, eu fui contemplado, era suplente e essa caminhada, essa luta, eu abracei com muito carinho, com muita dedicação e eu tenho a... essa história nunca... só vai... ela vai morrer comigo. Hoje, atualmente, eu não moro no Residencial Fernão Dias, mas eu fui síndico geral lá durante 12 anos, então assim, tem muita coisa que foi conquistada no Fernão Dias depois da entrega por mim e por outros parceiros também. Então assim, eu falar da história do Fernão Dias eu falo com muita exatidão, porque o meu último trabalho lá no Residencial Fernão Dias foi a coordenação de um centro socioeducativo dentro do Residencial quando a Prefeitura liberou um apartamento que havia sido evadido. Então, eu sustentei a associação responsável por esse espaço durante oito anos. Nós não tínhamos recursos públicos, toda a reforma da unidade habitacional foi eu que fiz. **[Pós ocupação]** Foi de 2006 ou 2005, se não me engano, que nós começamos uma situação precária, o apartamento não tinha nenhum acabamento e em 2015, foi dia 15 de dezembro, nós inauguramos o centro socio-educativo. Nós tivemos um projeto junto a PRODABEL de integração digital então nós... eu montei toda a estrutura para receber os equipamentos de informática e tudo mais. Nós tivemos uma grande participação da Zoobotânica em relação ao plantio de árvores, por que? O Residencial Fernão Dias tem 10.670 m² de área, tem 6.700 m² de área construída. Então, nós temos um espaço lá com praças e essas praças nos foram entregues com bancos, mas sem uma vegetação, arborização e isso fomos nós que fizemos com o apoio da Zoobotânica. Em relação ao centro socioeducativo eu assinei, tive estagiários lá do curso de Biblioteconomia aí da UFMG, cujo organizou uma biblioteca com exemplares de livros antigos e outros diversos, que foram doados pela comunidade. E assim, aguardo agora as perguntas para saber cada ponto, porque a história é longa. O Residencial Fernão Dias completou no dia 13 de dezembro exatos 20 anos de habitado.

Giselle: Muito legal, foi ótimo você contextualizar pra gente, porque já atendeu a algumas das perguntas como, por exemplo, essas conquistas depois que o conjunto já estava pronto, quais foram as conquistas. A Maria da Luz contou um pouquinho pra gente. A gente já esteve no Fernão Dias duas vezes: a mais recente, tem umas duas semanas que a gente esteve lá. Mas é ótimo

escutar de quem esteve à frente como uma liderança, no seu caso, ocupando esses cargos de diretoria. Uma questão que a gente queria entender melhor foi a da conquista do terreno. Eu acho que foi a Helenice que nos contou que num primeiro momento era um outro terreno que tinha sido destinado à vocês, às famílias que iriam para o Fernão Dias ,mas que teve algum processo de mudança. Parece que houve um abaixo-assinado pelas famílias, a gente queria entender melhor esse contexto de mudança de terreno. **[Fase de mobilização]**

Herval: Parece não, eu oficializo a resposta dela, pois o nosso terreno era exatamente atrás do que hoje é o Minas Shopping, um pouco depois da estação do metrô Minas Shopping e devido a classe social do bairro houve um abaixo assinado, porque a classificação da comunidade era que estava vindo muito pobre para o bairro e isso estaria desvalorizando o bairro e , com isso, teve realmente a troca do terreno. Nós visitamos o terreno pela primeira vez em 15 de Janeiro de 1997 depois teve outras visitas nesse terreno. Visitamos o terreno que hoje está locado o Residencial Fernão Dias no ano de 1999 antes do início das obras. Houve sim uma frustração nossa, eu como morador do bairro vizinho, eu sempre defendi que não eram favelados que estavam mudando, eram pessoas dignas de receber o direito constitucional à habitação. Se era bairro de classe média alta, não era culpa nossa. Foi um privilégio nosso em ter conquistado no terreno que conquistamos, no bairro que conquistamos, então o direito foi adquirido e ele teve que ser respeitado. Eu sempre, desde o início da construção do Residencial, quando eu voltava pra casa ou estava indo pra lá, a gente sempre ouvia o povo falando 'ah esses predinhos vai morar favelado' 'ah esses predinhos vai morar bandido' 'esses predinhos vai morar gente de tudo que é região de Belo Horizonte'. Eu, por muitas vezes, dei palestras dentro de ônibus, porque a palavra 'predinhos' não entoa muito bem na minha audição e isso é até hoje. Se lá tem nome nós demos o nome para o Residencial e eu sempre pergunto, porque eu conheço muita gente lá no bairro Fernão Dias, nós tivemos outras conquistas **[Pós ocupação]** também dentro do bairro Fernão Dias, que a comunidade de classe média alta não participou dessas conquistas e foram os pobres, que residem no Residencial, que tiveram essa conquista junto à pequena parte da comunidade que foi: parque, reforma e construção de posto de saúde, pavimentação de ruas. A última obra que eu defendi foi a construção de uma UMEI que está bem próximo do Residencial, ela fica atrás do centro de saúde. Então, o Residencial hoje está contemplado por um posto de saúde, que se não me engano, não me falhe a memória, foi entregue em 2010 para a comunidade bem na porta e que teve muitos rumores da transferência do posto de saúde São Marcos, que ia dificultar também a comunidade. Mas, todos esses rumores, em relação a discriminação, eu defendo de unha e dente até hoje, meu apartamento continua lá, ta certo? No meu apartamento, graças a Deus, eu levei 15 anos para deixá-lo do jeito que eu queria, eu fiz várias reformas, para chegar no ponto. Eu nunca desisti, tá? Eu mudei do Residencial por uma necessidade psicológica, física, familiar, porque se eu fui uma pessoa que enfrentou de unha, eu enfrentei no dente também, eu enfrentei respeitando os limites dentro da Lei, o que rege a Lei, que determina como tem que ser o funcionamento de um condomínio, mesmo porque eu tenho uma formação em Ciências Contábeis com especialização em administração condominial, então isso facilitou muito pra mim em notificações. Nós tivemos alguns casos lá que eu tive que tirar uma família que ocorreu do falecimento do pai de um jovem que criou um problema com a comunidade, mas eu sempre tive lá o apoio da Polícia Militar, também sou civil, tive o apoio, a todo momento, da classe militar, no que era necessário, com a vigésima segunda companhia de polícia do bairro São Paulo. Fiz várias reuniões, e o mais interessante também que nós tivemos uma discriminação em relação a escola. Tem uma escola municipal próxima ao Residencial, onde os nossos pequenos antigamente tiveram

que estudar e um belo dia eu fui numa reunião, cheia a escola, e estava falando especificamente das famílias do Residencial Fernão Dias, discriminando em relação a classe de quem mudou: para lá não mudou nenhum favelado, para lá mudou pessoas de pouca cultura ou de cultura formada, não com muito dinheiro, mas com dignidade de morar. Eu não sei dos demais Residências, mas o Residencial Fernão Dias teve um número pequeno de titulares que saíram do Residencial por algum motivo e tem alguns que o apartamento ainda está lá, pertence ao titular. Teve uma minoria que vendeu o apartamento ou que trocou de alguma forma, mas toda a situação social eu enfrentava de unha e dente, eu defendia e defendo até hoje. Existe uma situação que é como se cada árvore que lá eu plantei o povo fala que é minha, a palmeira ou alguma coisa assim, que o povo chega a podar, ou chega a cortar, já entra em contato imediato e eu tomo a providência que for necessário. Mas essa discriminação ela existe até hoje, nós não temos culpa do Residencial ter sido construído num bairro de classe média alta. O interessante é que minha mãe mora duas ruas abaixo, mas o valor da conta de água do Fernão Dias é outro, é diferente dos bairros adjacentes que têm, o valor da conta de luz, o valor de IPTU, é totalmente diferente em relação aos bairros adjacentes; [nos bairros adjacentes] é muito mais caro. Então nós temos um Residencial que eu falo que um dia ele vai chegar a ser um Residencial de luxo, mas que depende muito da mudança cultural de pessoas, né? Crianças que nasceram lá que hoje são adolescentes, que deveriam agarrar com muita... dar valor no que os pais conquistaram. Eu sempre ensinei isso para os meus filhos, não sei quanto a outras famílias, mas eu entrei em tudo quanto é situação social, situação de conflito, impedi qualquer tipo de conflito, tivemos alguns problemas lá sim. Depois que eu mudei do Residencial teve três assassinatos lá, foram lá dentro, mas se o morador do Residencial aprontou fora, em outra comunidade, e o bandido chegou e matou lá dentro, a única coisa que eu pude fazer foi pedir para recolher o corpo e a família tomar providência mesmo eu não estando residindo no Residencial, mas nesses casos aí eu ainda tive que interferir, porque eu sempre fui de uma rigidez fora do comum, nunca tolerei também a desordem dentro do Residencial, não por causa da discriminação social bairro com bairro, mas sim pelo que é nosso. Se nós conquistamos, é nosso, ninguém toma.

Giselle: Muito legal escutar a sua história e esses conflitos também, né? De eles aparecerem, de explicitar, porque o que a gente está fazendo é esse registro mesmo de...

Herval: Não estou ouvindo direito, porque está passando... eu estou do lado de fora do hospital.

Giselle: Não, sem problemas. Eu queria entender melhor essas conquistas Herval, qual foi -o seu envolvimento está muito claro- eu queria entender do grupo maior de moradores como eles se mobilizaram para essas conquistas? Você mencionou a UMEI, mencionou a escola, enfim, equipamentos, mesmo a questão da praça interna ao conjunto. Queria entender essa relação dos moradores, dos demais moradores, para a obtenção dessas conquistas, como foi esse processo? Ou ficava mais centralizado nessa figura dessas lideranças como você, Maria da Luz, outras pessoas que puxaram, como foi esse processo? **[Pós ocupação]**

Herval: Vamos falar em relação à conquista do Residencial Fernão Dias. O Residencial Fernão Dias foi uma conquista pelo programa da Prefeitura de habitação do Orçamento Participativo de Habitação. Lá no Residencial Fernão Dias são moradores de 16 bairros em Belo Horizonte que participaram de associações pró-moradia e que foram contemplados na época, não era sorteio eletrônico, as associações faziam sorteio presencial, nas reuniões, então nós temos famílias de 16

bairros em Belo Horizonte. Eu, se você me perguntar quais os bairros, eu vou falar para você, mas eu acredito que vou estar falhando em alguma coisa hoje devido ao cansaço, você me desculpa. Em relação ao posto de saúde foi luta da comunidade com lideranças do bairro São Marcos e Maria da Luz, Herval, outras lideranças dentro do Residencial que convocaram, que nós tivemos que convocar, a comunidade para participar, porque lá tem quase mil moradores, então foi o braço direito de muita conquista no bairro Fernão Dias e no bairro São Marcos. O posto de saúde foi pelo Orçamento Participativo Municipal de obras, temos o parque Fernão Dias que fica de frente para o Residencial porque tem uma rua de frente ao residencial que chama...fugiu o nome. Mas o parque fica bem de frente, era uma área ociosa, que tinha lá. Aconteceu algumas invasões, mas o poder social do bairro não deixava o povo ficar lá dois minutos, então nós conquistamos esse parque, a Maria da Luz foi gerente deste parque por algum tempo, ela conseguiu muita coisa em relação ao que faltava no parque, eu também apoiei muito. Teve o apoio da associação do bairro Dom Joaquim; o posto de saúde do bairro Dom Joaquim também foi pelo Orçamento Participativo; a UMEI não foi pelo Orçamento Participativo, mas hoje ela está próxima do Residencial porque a Prefeitura iria desapropriar dez casas da rua Santa Amélia, no bairro São Marcos, para construir a UMEI. São famílias que moram lá há mais de quarenta anos e realmente teve a minha intervenção, porque de frente ao Residencial, atrás do posto de saúde, tem uma área que é comodada para a Associação Mineira de Criadores de Pássaros Bicudos e Curiós. Esse comodato, na época que o pessoal estava reivindicando a UMEI, ele já estava vencido. Lá é uma área de 20.000 m². Essa Associação construiu lá prédio de dois andares e por ter sido comodato do município eles deveriam ter desenvolvido projetos sociais para atender à comunidade num todo, mas atendia à comunidade criadora de pássaros bicudos e curiós, cujo lá tinha rinhas, tinha exposição de pássaros raros, caros. Nós tivemos várias informações em relação à coisa milionária que acontecia dentro dessa associação. Eles alugavam o espaço para eventos e festas e um belo dia, como não tinha espaço no Residencial para fazer reuniões, eu pedi o espaço para fazer uma assembleia lá e eles negaram, e por eu ter o conhecimento em relação ao comodato que a Prefeitura tinha dado para eles, pela negativa que eles me deram, eu também fui provar para eles que eles não poderiam mais fazer eventos lá. Então, hoje, não se faz mais eventos lá, festas, eles fazem exposições, mas cobram para entrar. Eles desrespeitam, e sempre desrespeitaram, o código que eles assinaram, o comodato que eles assinaram. Tem um outro terreno também que vai ser construído a igreja do bairro Fernão Dias, que foi comodado para a igreja católica. A igreja católica vai ser construída bem de frente ao Parque Fernão Dias e a comunidade também teve uma grande participação para a Prefeitura liberar esse terreno, é gigantesco, tá? O terreno do posto de saúde, que está de frente ao Residencial Fernão Dias era uma área APP e para a construção do posto de saúde teve que trocar a origem da área. Ela teve que virar parte de utilidade pública e a outra área é área APP atrás do posto e com essa troca, do lado do terreno que vai ser construída a igreja católica do Fernão Dias, existiu uma área de utilidade pública e que nós conquistamos a troca... de utilidade pública não, minto, essa área atrás do posto de saúde que era APP virou de utilidade pública e a área APP do lado do terreno da igreja virou de utilidade pública, mas nada foi construído lá, tá? É área de preservação e nós temos também uma área que fica atrás do Residencial, acredito que vocês tenham ido lá, lá tem 11.000 m² se não me engano. Nós conquistamos pela nossa Associação, eu, Maria da Luz, mais a participação da comunidade a revitalização daquela área. Por qual motivo? O Residencial sofre até hoje com as chuvas, porque a área, ela tem... é um talude imenso e desde criança eu conheço ali. É um terreno drenado, teve que drenar para construir o Residencial Fernão Dias. Ali tem minadouros de água, mas hoje já está drenado. Então, o nosso projeto foi conquistado em 2009, mas ele ainda

não saiu do papel; existe o projeto, na parte superior do terreno vai ser construído equipamentos de esporte, vai ter praças, na parte funda do terreno, que é atrás mesmo do Residencial, vai ter uma quadra de areia e vai ser preservado com o plantio de mudas também, uma outra parte que será cercada, que não será de uso da comunidade, mas será um espaço aberto -nós conquistamos em 2009. Eu faço parte da COMFORÇA, na verdade a conquista desse terreno devido a alguma... foi devido a problemas de saúde da Maria da Luz, eu tive que encarar junto com a comunidade, para que a gente pudesse garantir o sossego das águas para o Residencial, porque a água invade lá com muita força, invade nossa rede de drenagem, inunda em torno de quatro apartamentos quando a chuva é muito forte. A Prefeitura não resolveu esse problema até hoje, então o Residencial é todo murado, então a nossa rede pluvial recebe a água desse terreno e no projeto está para individualizar a água pluvial desse terreno com a do Residencial Fernão Dias, pois o Residencial e esse terreno é uma área morrada, então todos os dois equipamentos estão no vale, no fundo do terreno, ou seja, na parte baixa do terreno e o Residencial sofre até hoje; inclusive um apartamento, que é da filha da Maria da Luz, que a filha da Maria da Luz participava da nossa Associação, ela foi contemplada por esse apartamento por ordem, tá? Nós sempre respeitamos isso, nós sempre pregamos a idoneidade, do respeito, de não receber suborno, propina etc. - porque se não eu estou falando aqui filha da Maria da Luz e vai falar que ela foi beneficiada sem ter algum... com algum privilégio, né? O apartamento que a filha da Maria da Luz foi ocupado, foi uma dessas intervenções que eu fiz quando um pai de um jovem foi morto por culpa dele, quando o pai foi tirar satisfação pela briga do filho -o apartamento é virado para a rua, bem na entrada do Residencial- e eu com o conhecimento também, fiz a intervenção junto à Secretaria Municipal de Habitação na época, porque saiu de URBEL, mudou para Secretaria Municipal de Habitação, hoje é URBEL novamente, para fazer a intervenção, tirar a família, para evitar mais danos, e o apartamento ficou vazio, para evitar invasão, eu pedi imediata ocupação desse apartamento. E tem outros equipamentos também, mais um parque que chama Parque do Sol, no bairro Fernão Dias, reforma de escola, eu fiz intervenção, numa escola estadual no bairro São Marcos, eu fiz algumas intervenções solicitando que a diretora da Escola Municipal Henriqueta Lisboa estava dependendo, nós fizemos intervenções também. A reforma da Escola Henriqueta Lisboa foi no Orçamento Participativo por minha solicitação, como Associação, e nós levamos a comunidade e sempre defendemos também... eu participei do colegiado da Escola e defendi também, porque a Escola sempre nos prontificou a servir depois de muita luta contra a discriminação, eu falo que eu fui pra cima mesmo da discriminação até eles passarem a nos respeitar. Então, lá nós fizemos alguns eventos para angariar fundos para o Residencial, eu comemorava, fazia o evento de aniversário do Residencial a cada cinco anos na Escola, utilizando o espaço cedido para a Escola. Eu tive problema na Escola com uma diretora também que eu tive que mostrar o direito que a gente tinha na época e tem até hoje.

Giselle: Obrigada Herval pelos esclarecimentos. Você mencionou que além das associações que você participa você tem vínculo com a COMFORÇA. Eu queria entender, além dessas associações, se você tem alguma vinculação com o Movimento de Moradia Nacional. **[Pós ocupação]**

Herval: Eu já participei de vários seminários fora de Belo Horizonte, em outras cidades do Brasil. Já participei de palestras, já dei palestras em Ouro Preto, já dei palestras em Ipatinga. Eu nunca quis fazer parte do Movimento Nacional, eu tenho algumas restrições em relação... eu tenho que ir até onde minha mão alcança. Não adianta eu fazer algo que eu não vou conseguir defender da forma que eu pretendo, ou que pretendia, porque algumas personalidades do Conselho Municipal de

Habitação da CONAN, que é Movimento Nacional, tem outros movimentos nacionais que eu não me lembro o nome. Alguns desses aí eram movimentos políticos, para a pessoa ter nomeação política, eu nunca me prestei, tá? Para receber pelo meu silêncio, para receber o favor de ser nomeado, porque eu sou alguém que participa da comunidade e receber alguma nomeação, cargo comissionado, que eu sempre chamo de *come quieto*. Eu falo sempre que o meu silêncio não tem preço e eu fui dentro desses movimentos, candidato a Conselheiro Tutelar pela regional Nordeste, se não foi em 2009 foi em 2010, se não me falha a memória, eu fiquei como suplente. Quando eu fui convocado, como eu teria que submeter o meu cargo à luxúria da Prefeitura, ao que o Prefeito, ao que os políticos determinavam, eu tive que negar logo depois para que eu não tivesse atrito. Então, se eu faço social, eu faço hoje, e sempre fiz, de coração e de boa vontade. Graças a Deus hoje eu não devo favores a sequer qualquer político na minha vida comunitária, na minha vida de conquista como liderança. O que eu posso, o que eu busco, é o que a comunidade tem direito, então nos seminários, de participar de eleições dessas outras entidades, nunca foi o meu foco, porque, repito, eu tenho que ir não é até onde minha perna não alcança, até onde o meu passo alcança, eu não posso dar um passo maior que a perna, mas nessa situação é diferente, porque é carregar a responsabilidade nos braços. E eu optei em não fazer partes de muitos movimentos, mas eu fiz parte da CRTT da Regional Nordeste, fiz parte da Comissão Local de Saúde, fiz parte do colegiado de duas escolas Estaduais, onde meus filhos estudaram, na Escola Municipal também fiz parte do colegiado, conquistei muita coisa como membro do colegiado, e na CRTT eu falo que foi o único movimento que é votado também - teve até agora votação, se não engano no dia 3 ou 4 de dezembro aqui em Belo Horizonte nas CRTTs em cada Regional. Eu fiz parte, fui secretário regional e fui secretário municipal da CRTT. Eu faço parte da COMFORÇA de obras e faço parte da COMFORÇA de habitação, por quê fazer parte? O representante legal da associação, automaticamente quando vai eleger os delegados, ele já é o delegado nato da entidade responsável.

[Projeto e obra]

Giselle: Ótimo. A gente queria entender melhor como foi essa escolha pelo processo de autogestão, porque o Residencial Fernão Dias foi conduzido pela modalidade autogestionária. Explica para a gente como que foi isso, se foi a Associação que definiu, se foi o próprio Poder Público, a URBEL, como que foi essa escolha pela modalidade de autogestão e não pela gestão pública.

Herval: Em Belo Horizonte tem alguns Residenciais que foram construídos pela Gestão Pública, outros foram construídos no Orçamento Participativo pelo autogestão. Autogestão é dentro do programa do Orçamento Participativo, tinha a Associação responsável logo no início, a união das associações dessas pessoas que foram contempladas, criava-se uma associação para gerir os recursos oriundos da Prefeitura, ou seja, saía do Fundo Municipal de Habitação, passava pela URBEL, Associação recebia tinha prestação de contas mensais, acompanhando a evolução da obra. O nosso Residencial na época foi cotado um custo de R \$2.270.972,19 mil., Nós devolvemos para o município, depois da obra concluída em 2000, R\$26.000 mil. Eu fui o responsável por toda a documentação da Associação. A associação teve problemas em questão da administração, não foi com a administração da Maria da Luz, mas como não posso citar nomes, foi uma administração anterior à da Maria da Luz, que ocorreu um desvio de verba. Eu fui o auditor para a conferência de toda a documentação, Maria da Luz, hoje, ela responde por ser responsável desses processos

jurídicos oriundos dessas falhas de outras pessoas. Estou reafirmando aqui, que eu não citei nomes de ninguém, mas se precisar eu cito e respondo por todas as responsabilidades que a gente tem. Então, até hoje, eu sou o tutor dessa documentação que comprova o nosso trabalho, que comprova quanto cada centavo para a construção do Residencial Fernão Dias. Eu, hoje, graças a Deus falo, de peito aberto, de cabeça erguida, que nós conseguimos administrar a construção do Residencial dentro do Convênio que teve, que foi assinado com a Prefeitura, para a liberação da verba. Então, nós tínhamos direitos, deveres e obrigações enquanto Associação e os associados também tinham direitos, deveres e as obrigações e o projeto autogestionável é a participação de todos, cujos futuros proprietários e também familiares, isso foi uma questão no tempo-obra para que todos pudessem participar. No Residencial Fernão Dias foram 144 unidades, conforme eu havia dito no início, lá na época do mutirão, no período de um ano e oito meses de obra nós tivemos 50 exclusões de associados por não participação. Nós tivemos um caso de uma associada que participou todo o período e, infelizmente, na data de entrega das chaves, eu fui entregar as chaves para ela quando ela entregou duas filhas que nunca tinham pisado lá, nós tivemos a oportunidade de escolher com o sorteio o apartamento, as duas filhas dessa senhora negaram em morar no Residencial, então ela perdeu esse apartamento e outra pessoa ocupou sem ter colocado a mão em um tijolo. Então, nós tivemos lá uma assessoria técnica que coordenava toda a obra durante a semana, nós tivemos empreiteiros que fez toda a parte pesada da construção, mas nós tivemos paredes levantadas por nós, tivemos plantio de grama, tivemos acertos de talude, construção de vala de água fluvial, nós fizemos serviços elétricos, hidráulicos. Eu, particularmente, não sei, eu acompanhei toda a obra, mas não é o meu forte construção, mas eu dediquei o meu forte que foi a fiscalização do dinheiro público, o dinheiro não era nosso, então eu tive que prestar conta à toda Diretoria, tive que prestar a conta de cada centavo gasto. Logo depois, da construção e entrega e habitação do Residencial Fernão Dias, **[Pós ocupação]** nós tivemos uma outra conquista junto à URBEL, e que nós trabalhamos em regime de autogestão também, porque a frente do Residencial era toda telada, era de tela. Se hoje tem um muro e uma grade foi com muito esforço nosso, eu me empenhei o máximo junto com Maria da Luz, eu como síndico geral nessa época, e nós recebemos todo o material e projeto para conseguir o restante do fechamento do Residencial. Tem outros Residências, que eu também não vou me referir a nomes de Residências, e hoje é notório, ao se passar na porta, saber que o Residencial está melhor ou pior. O Residencial Fernão Dias teve várias pessoas dinâmicas na administração, pessoas que, graças a Deus, eu tive a oportunidade de passar um pouco de conhecimento e o pós obra fomos nós que fizemos, a parte pós-obra fomos nós que fizemos nós não tivemos o pós-obra da Prefeitura. Nós encaramos isso no braço, na coragem, na garra, nós não fomos contemplados por pós-obra da URBEL, nós não tivemos a equipe social da URBEL o tempo todo no Residencial, fomos nós que defendemos. Se a família não tinha educação, vamos colocar assim, para residir no Residencial ou que saiu de alguma Vila, que lá ele não pagava luz, não pagava água, tinha gato no telefone, sei lá, era tudo gato, nós tivemos que apresentar, apresentar juntamente também com a Assessoria Técnica no início e depois fomos nós, o que era a convivência em condomínio, a obrigação em pagar as taxas às despesas condominiais. Já teve várias mudanças no Residencial, mas ele é um Residencial que eu falo que foi o primeiro verticalizado em Belo Horizonte pelo autogestão, ele está com 20 anos de idade e parece um mocinho ainda. Para você ter uma ideia, a pintura que o Residencial tem é a pintura original dele, de 20 anos atrás; nós não tivemos problemas com trincas igual outros Residências tiveram, os problemas construtivos que nós tivemos, todos eles foram solicitados...eu solicitava tudo via Ofício, tá? Todas as minhas solicitações existem até hoje, eu sou o tutor dessa documentação, é uma prova viva. E uma prova viva que eu

tenho, e que Belo Horizonte tem, em relação ao Orçamento Participativo, ao programa autogestão, ao programa gestão pública, está no livro de comemoração de quinze anos do Orçamento Participativo.

Giselle: Bacana Herval. Explica pra gente como era essa divisão das tarefas durante a obra Você explicou que durante a semana tinham empreiteiras e que a Assessoria era a ASP, não era isso?

Herval: Era a ASP.

Giselle: Então, porque a ASP coordenava essas equipes. Essa divisão das tarefas era a ASP que definia ou eram vocês da diretoria, ou vocês juntos: tanto a ASP quanto a diretoria? Como era essa organização de falar assim 'olha, a gente vai contratar a empreiteira para fazer determinado serviço, por exemplo fundação' ou 'esse outro serviço aqui vai ser dos mutirões'. Como era a distribuição das tarefas e como vocês se organizavam junto à Assessoria?

Herval: Desde a assinatura do Convênio, que se deu em 1999, se deu em fevereiro de 1999, nem a URBEL e nem a ASP tomavam decisões antes da gente. Nós tínhamos que nos reunir em assembleia para a divisão de tarefas dos finais de semana e a gente denominava cada turma de uma forma: a turma da área verde, a turma da construção hidráulica, elétrica... Tinha gente lá que fazia de tudo a um bocado e têm muitos que ainda residem lá, tá? **[Projeto e obra]** Que rebocaram apartamentos, que participaram de reboco, pintura de fachada, moram lá até hoje, tiveram vários serviços depois da entrega do Residencial. Mas toda decisão era tomada pela Diretoria com o aval da Assembleia Geral, a não ser algumas decisões legais que não precisam do aval da Assembleia, aí a diretoria somava, que era a contratação depois do feito de três orçamentos, que era a contratação de empreiteiros, mas a Associação também tinham funcionários, ou seja, tínhamos engenheiros, que era coordenado pela ASP, mas o mestre de obras ao resto, ao último ajudante de obra, era contratado pela Associação. Então, nós tivemos muitos funcionários, e nós tivemos lá três empreiteiras na construção do Residencial. Então, nós temos lá três conjuntos de edificações edilícias, que é o bloco 1, o bloco 2 e o bloco 3, então nós tivemos no bloco 1, que é na direita de quando está entrando no Residencial, ali teve obra feita por dois empreiteiros. Um desses empreiteiros com mais um outro, executaram a obra pesada do bloco 2- que é o 2A,2B,2C-, os que dão de frente pra rua, e o bloco 3 -3A,3B,3C- que são os últimos do residencial depois do estacionamento. Mas toda a atividade do mutirão era aprovada na Assembleia, uma das que eu falo de grande importância, tá? Foi uma cozinha que nós tínhamos. Inicialmente nós começamos a esquentar marmitta na areia e depois nós conseguimos todo o equipamento da cozinha pela cantina do Lucas, todo o equipamento que você puder imaginar de uma cozinha e lá nós fazíamos um mutirão para compra do mantimento, as refeições do sábado e do domingo eram feitas por mutirantes. Aqueles que não tinham condição de colaborar com um ou dois reais, tá? A gente bonificava, mas tinha que ter a justificativa do porquê não tinha realmente aquele valor e cada associado que hoje é proprietário o ensinamento da participação coletiva foi desde a assinatura do Convênio. **[Pós ocupação]** Então, todo mundo sabe o que é uma Assembleia, o que é a decisão de um grupo colegiado, o que é a decisão de uma Diretoria, até onde cada um pode ir, tá? Então, eu falo que a decisão de uma Assembleia ela é respeitada, deve ser respeitada, e nós temos provas disso até hoje. Depois de 20 anos, tá? Com atas de Assembleia, que eu tive que provar juridicamente que foi a decisão, ou as decisões, foram tomadas pela Assembleia do conjunto de 144

moradores. Muitas vezes, era difícil juntar, mas toda Assembleia nossa tinha que seguir o regulamento do Código Civil, que é a metade +1, se não tiver essa metade +1, nós tínhamos que convocar outra reunião até... se a segunda não tiver essa metade+1, a terceira era decisiva com o número de presentes. E nós tínhamos o edital de convocação antecipado nos rigores que a Lei determina, tanto afixado em toda a área do Residencial e estabelecimentos também, postos de saúde, para que essa comunicação fosse disseminada. Dentro do Residencial, além das convocações afixadas, cada um sempre recebeu a convocação escrita e tinha que comprovar que essa pessoa recebeu, para que nós tivéssemos prova escrita. Então nosso trabalho sempre foi esse, tá? A prova escrita nos segue até hoje. A história do Residencial Fernão Dias, desde 1996, que foi o projeto, ela está comigo, eu sou o tutor de toda a história do Residencial, apesar que muita da documentação como fotos estragaram com o tempo, eu tive que levar para minha residência, teve uma residência que eu moro... aí teve um problema de mofo, mas eu tive que guardar; o tempo que ficou lá no Residencial foi guardado comigo também. Nós temos um quarto de lixo que serviu desse arquivo por muitos anos até a gente adquirir o espaço interno e quando, antes de eu mudar desse espaço, que também passou a servir como reuniões de bloco do condomínio, a mulher que tinha surtado e evadido o apartamento, ela voltou, não me recordo data, mas acho que foi em 2011, e exigiu na URBEL, aí mudou de Secretaria de Habitação para URBEL, e ela solicitou o apartamento de volta, e que hoje - hoje que eu falo, não deve ter muito tempo, porque ela vendeu esse apartamento. Então, conforme eu disse lá no início, que eu recebi o apartamento no chão grosso, sem pintura, da forma que todo mundo recebeu, eu acabei, fiz todo o acabamento, eu investi dez mil reais, nesse apartamento, para funcionar a sede da Associação, para que a gente pudesse ter um espaço. E quando ela ganhou na Justiça, ela só ganhou na Justiça, porque por decisão minha e da Maria da Luz, nós passamos a desacreditar no Poder Público, o Poder Público que deu tirou com a mesma mão, e isso com documento, ou seja a Secretaria de Habitação nos autorizou por documento e a URBEL nega a existência do documento, mas o documento existe e para que eu não tivesse tanto desgaste, tá? Eu entreguei o espaço, entreguei todos os equipamentos, [re]doei todos os livros do espaço e consegui quebrar o que eu pude quebrar que custou o meu dinheiro, tá? Que saiu do meu bolso, mas a Prefeitura sequer nunca participou com esse social, então nós tivemos a honra e a glória que o pré-morar fomos nós que fizemos com algumas participaçõezinhas da URBEL, mas o pós-morar nós falamos com muita certeza, que fomos nós que fizemos, tá? Então, a decisão de âmbito maior com Assembleia sempre foi acompanhada, a decisão de âmbito diretório, tinha que ter 50% +1 dessa diretoria, nós utilizávamos o escritório da ASP para fazer reuniões da diretoria, ou muitas vezes, para fazer reuniões, assembleias do Residencial nós utilizávamos a quadra ou algum espaço da Escola Municipal Henriqueta Lisboa. Mas toda a documentação, como atas, livros, documentos, notas fiscais, tudo que aconteceu desde 1999 existe a documentação.

Giselle: Bacana. Eu queria entender melhor, em relação ao que você falou sobre o pré-morar, o pós-morar, houve algum tipo de curso de capacitação para as famílias, para os mutirantes, tanto para a obra, mas também para outras questões como a gerência, a vida no condomínio, vocês chegaram a fazer isso junto à ASP, ou a própria Associação que fez? Como se deu esses cursos?

Herval: Olha, nós... Quando a gente fala o pré-morar é quando é passado todos os quesitos que cada integrante tem que cumprir, esse é o pré-morar. O pós-morar, que é apresentar para cada condômino a lei do condomínio, que é uma lei nacional, a formatação e a aprovação do regimento interno fomos nós. **[Projeto e obra]** Quando a gente fala de capacitação, nós já tínhamos várias

peças capacitadas: pedreiros, ajudantes, quem fazia hidráulica, quem fazia elétrica- tem alguns que moram e fazem serviço lá dentro até hoje, tem alguma fonte de renda tirada lá de dentro, mas curso de capacitação que nós tivemos [como] primeiros socorros, alguns participaram, algumas outras capacitações foi o tempo que nos ensinou, mas eu também ensinei muita coisa, Maria da Luz também ensinou, outras pessoas ensinaram. Pelo meu conhecimento em condomínio o pré-morar foi muito fácil, eu não tive dificuldade nenhuma. Lógico que existe as pessoas, a maioria ou a minoria não gosta do jeito que administra, do pulso forte que tem, então eles tiveram que se adaptar a isso também, porque essa preparação eu tive que fazer por muito tempo. Se perguntar lá hoje qual foi o pior síndico, o mais rígido do condomínio fui eu, então isso aí foi uma preparação que a gente fala do pós morar, que a pessoa tem que respeitar o lugar onde mora, isso é o essencial, é ter a educação de respeitar o espaço do outro. Então, eu falo que essa preparação aí, que tinha que ter vindo do berço, muita gente aprendeu lá, e vem aprendendo até hoje, porque as coisas mudam a cada dia, então o pós morar já tem 20 que estamos fazendo esse pós morar. Uma coisa que é interessante, uma pessoa que é muito interessante em relação ao Residencial Fernão Dias, é a Maria da Luz, que em 1972, ela participou de uma invasão no terreno onde está o Residencial Fernão Dias, ela perdeu uma criança por causa de uma ação violenta da polícia, então não sei se ela contou, mas é verídico. E eu trato hoje a Maria da Luz, quando a gente tem que tratar administrativamente ainda, respeitando tudo o que nós fizemos desde o início, e isso a gente tá tratando como amizade, a gente consegue diferenciar uma coisa da outra, da mesma forma que eu fui síndico no bloco dela, ela era uma autoridade maior do que eu, mas como Associação. Eu era o síndico geral e ela tinha que me respeitar como síndico e eu tinha que respeitar ela como presidente da Associação Habitacional e Social da área Fernão Dias e esse respeito sempre foi muito mútuo e é até hoje, tá? Em algumas... ocorreram aí várias situações de processo judicial, no qual a prova está comigo, a responsabilidade é dela. Então, a gente trabalha até hoje, tá? Hoje, a Maria da Luz, por debilidade física, emocional e familiar também ela sempre vai ser a presidente da Associação, na minha pessoa ela vai sempre ser respeitada como essa autoridade, tá? Então, o pós-morar, no Residencial Fernão Dias, eu não sei como é nos outros, tá? Mas lá, é, até hoje, é feito o pós-morar. Por que até hoje? Depois que virou condomínio, se vai fazer uma obra que vai beneficiar todo condomínio, vai auto valorizar todo o condomínio, isso também é o pós-morar, é a pessoa cuidando da porta pra fora. E a gente, que é lei né? Saber que da porta pra fora, da soleira para a porta, é a fração equivalente, ou seja, cada centímetro ou milímetro é a quantidade de proprietários que são donos daquele centímetro, da sua soleira pra dentro, você é o proprietário. Mas ainda tem algumas intervenções sociais, que são feitas, se tiver alguma agressão à família, a criança, de uma forma que os síndicos devem tomar providências, nós não dependemos da URBEL nesse sentido, nunca dependemos, tá? Nós sempre... **[Pós ocupação]** Eu falo que nós tivemos a independência total depois que a URBEL entregou o Residencial Fernão Dias e a Prefeitura foi omissa durante 17 anos que nós ficamos sem a documentação do Residencial. Todos lá pagam prestação e a gente pagava, e paga, quer dizer pagava na época, prestação para o Fundo Municipal de Habitação de uma forma ilegal, ilegal por que? Foi aprovado pela Assembleia o pagamento e no dia 31 de dezembro de 2001, dos boletos bancários, e nós recebemos, para ter o baixo habite-se, que foi em 2005, ele foi registrado em 2011, dependeu de mim e da Maria da Luz. Hoje, a convenção do condomínio, que a URBEL registrou, eles fizeram a regulação fundiária, o ano passado ou retrasado, se não me engano, e vem entregando uma escritura precária. Por que eu falo precária? Porque não dá totalidade de propriedade para aquela pessoa que pagou. Eu, por exemplo, aposentei por invalidez, eu tinha meu direito de ter o meu apartamento quitado e isso não foi respeitado pela URBEL e vai ser isso...

tomado uma atitude por ação judicial porque se o direito é meu, eu quero o meu direito e ele tem que ser respeitado. Então, esse lema, que o direito tem que ser respeitado, que o direito do outro começa onde termina o do fulano, isso é pregado lá e sempre foi pregado lá, isso é o pós-morar.

[Projeto e obra]

Giselle: Ótimo Herval. Eu queria entender mais duas questões: uma é a relacionado ao projeto, o projeto do Conjunto, a definição dos apartamentos. Quem forneceu esse projeto para vocês? Foi a ASP, foi a URBEL?

Herval: O projeto do Residencial ele é da URBEL. Engenheiro e arquiteto da URBEL. Nós tivemos a possibilidade apenas de trocar, de optar pela troca, das janelas, que seriam de ferro, passando para alumínio. A outra mudança que nós fizemos no projeto foi o fechamento da área de serviço a partir do segundo pavimento. Isso tudo com verba que estava sobrando. Nós fizemos a opção da cor, que tipo de tinta que seria pintado o Residencial. Nós tivemos mudança no corredor dos prédios, que seriam rampa com talude plantada em grama com árvore no meio dos prédios e isso nós mudamos, nós conseguimos mudar para ser tudo concreto com muro de arrimo no meio dos corredores de cada bloco. Nós conseguimos também mudar o tipo de porta de entrada, nós conseguimos mudar tipo de registro, tipo de torneira, outras mudanças... Outra mudança que foi feita no período da obra [foi] o tipo de pavimento do estacionamento, nós tivemos a oportunidade de escolher o modelo. Vamos falar que o projeto contemplava o plantio de 207 mudas de árvores, ao invés da gente plantar 207 mudas, nós ainda, por solicitação nossa, tá? Aí eu vou falar que foi uma solicitação sociopolítica, porque muita coisa a gente tem que ter o QI, Quem indica e nós conseguimos plantar mais de 300 mudas de árvores dentro do Residencial. Hoje não existe, porque o terreno é um terreno de saibro e nós não tínhamos o adubo e nem o ferramental e nem muito menos o que nos dava possibilidade daquela árvore, da gente alimentar aquela árvore, para que ela pudesse aceitar o terreno. Algumas que nós já plantamos já foram cortadas por necessidade, outras por maldade. Então, o projeto em si é da URBEL, as plantas estão comigo, o Convênio Prefeitura-URBEL-Associação eu tenho também o original assinado, foi feito na Prefeitura, na sede da Prefeitura, no Salão Nobre. Nós participávamos de várias Assembleias feitas pela URBEL de coisas assim, que pra mim, pessoalmente tá? Eram coisas de encher linguiça, ou seja, tratavam a gente como meros ignorantes, mas existe também a discriminação no Poder Público e isso nós também nunca admitimos, tá?

Giselle: Só para finalizar da minha parte, depois eu vou ver se o professor Roberto e se a Josiany, que é nossa aluna de graduação, se ela tem alguma questão. Eu queria entender melhor a relação de vocês com o Centro de Apoio dos Sem Casa, o CASA.

Herval: Espera, a relação...?

Giselle: É, da Associação, na verdade do grupo, que lutava por moradia na cidade com o CASA (Centro de Apoio dos Sem Casa).

Herval: Ata. A nossa Associação ela não era filiada ao CASA. A Associação da Helenice é filiada até hoje, tá? Eu não sei se a Helenice dirige o grupo dela, mas eu já participei de várias reuniões no

CASA, para que a gente pudesse buscar forças com eles também. O apoio que a URBEL não dava, o CASA dava.

Giselle: Entendi. Então o fato de terem várias regionais participando, cada uma era vinculada a uma determinada organização, a uma força externa. No caso da Helenice, era o CASA, mas a sua não era. Então tinha essa diferença.

Herval: Quando a gente fala a minha, ou a Associação da Helenice, a Associação da Helenice ela tem um grupo de pessoas que foram contempladas lá no Residencial e em outros Residências.

Giselle: O núcleo de moradia, né?

Herval: O núcleo de moradia. O meu núcleo de moradia, que era da Maria da Luz e que era do irmão da Maria da Luz, tá? Que passou a ser por minha gestão, eu tinha uma grande resistência em estar admitindo várias coisas, ou seja, a questão... eu tinha muito a resistência da questão do pobre de dinheiro e do pobre de espírito e o irmão da Maria da Luz, quando antes dele falecer, e que eu passei a coordenar o núcleo, ele falou uma coisa pra mim que eu guardo até hoje, que na época eu era um diamante bruto, que tinha a necessidade de ser lapidado, mas estão me lapidando até hoje, tá? A questão até mesmo do conhecimento, ou de profissões que eu já tive, o que me fez mentalmente, fisicamente, ser respeitado como autoridade, fazer esse ser respeitado como cidadão, fazer ser respeitado como detentor do meu direito pessoal e defensor do direito social daquele cujo eu coordeno até hoje. Então, nós procurávamos o CASA, a CONAM, fizemos isso por várias vezes por falta do querer do Poder Público.

[Projeto e obra]

Giselle: Perfeito Herval. Tem uma última pergunta, que eu esqueci, em relação à obra. Existiu alguma pessoa, algum dos mutirantes, chegou a ser contratado durante a semana nas frentes de trabalho que aconteciam durante a semana?

Herval: Nós tivemos vários filhos de associados, nós tivemos vários associados contratados para executar serviços durante a semana ou era por carteira assinada ou era por trabalho autônomo. Nós tivemos pedreiro, almoxarifado, o segurança do trabalho, que era eu, e não posso ter carteira assinada, eu era autônomo também. Ao mesmo tempo, ao ser técnico de segurança do trabalho por formação também, eu era fiscal da obra, então eu representava a Associação a semana toda e o final de semana. Então nós tivemos pedreiro, que mora lá dentro até hoje, tá? Nós tivemos o porteiro, ou vigia, tivemos electricista e para alguns, que foram ajudantes da construção da obra, alguns associados que passavam dificuldades, filhos que tinham dificuldade de socialização, eu falo que foi muito bom a contratação, porque passou a participar durante a semana, passou o valor que ele tem que dar no direito que foi adquirido na habitação dos pais, que ele tem que respeitar até hoje. E isso a gente, houve até hoje, que a gente aceitava só a partir de 16 anos, então aquele que tinha 16 na época, hoje já tem 36, já é pai, ou mora no Residencial, ou já casou e saiu do Residencial, mas essa história eu garanto que nunca vai apagar da memória desses que participaram. É muito legal.

Giselle: Obrigada demais Herval, da minha parte já foi contemplada.

Herval: Por nada, estou à disposição.

[ajuste de som e troca de entrevistador de 01:21:30 a 01:21:44]

Roberto Eustaáquio: Você me perdoa, nós estamos abusando um pouco do seu tempo. Eu queria saber se você lembra do nome das firmas, que foram prestadoras de serviço, das construtoras, repete pra ele pra mim Gi, se puder.

Giselle: As construtoras Herval, você lembra o nome delas?

Herval: Na verdade não eram construtoras, eram empreiteiras. Nós tivemos a Empreiteira... nossa, depois de 21 anos lembrar o nome...

Roberto Eustaáquio: Não tem problema você não lembrar. Isso tem a ver com a outra pergunta que eu ia te fazer. É se a gente poderia, por exemplo, fotografar alguma parte dessa documentação que você guarda de memória e de documentos oficiais do Conjunto.

Herval: Olha, na verdade, por eu ser o tutor dessa documentação ela... tem documentação que está na minha casa que não tem um cunho jurídico, outras documentações de cunho jurídico que eu tive que utilizar como provas, estão em outros locais por prevenção, porque ficava guardado dentro da minha casa, dentro do meu apartamento, e eu não tinha medo não, mas tinha receio pela minha família, em alguém ou jogar fogo na minha casa, ou alguma coisa assim. Se a Maria da Luz, hoje, como presidente ainda da Associação, autorizar aí eu vou ter que abrir um monte de caixa na minha casa, vocês terão que ir à minha casa. Tem alguma documentação, que, infelizmente, o mofo... porque na época era a terceira via da nota fiscal, mas eu tenho atas... Eu não sei qual o tipo de documento, porque nota fiscal por exemplo, o tempo já caducou.

Roberto Eustaáquio: É mais ata, fotografias porventura, projeto, algum desenho... Assim, isso não é urgente, a gente pode deixar isso pra um momento em que você tiver mais tranquilo, você está com a vida complicada nesse momento. E a outra coisa que eu gostaria de saber é se você poderia indicar, pra gente conversar, com algum desses que trabalharam na obra e que continuam sendo profissionais de construção. Isso também eu posso te mandar pelo zap...

Herval: Isso eu posso te responder por aqui agora.

Roberto Eustaáquio: Sim, [inaudível] podia me mandar o contato deles. Talvez você não tenha agora, né?

Herval: Não, aí vocês terão que procurar no Residencial. Eu vou começar pelo bloco 1A. No apartamento 300 e... ele chama Wilson Vilela, é no bloco 1A que ele mora e ele é esposo da síndica do bloco.

Roberto Eustaáquio: E isso também... Olha só, porque eu estou preocupado com o seu tempo...

Herval: Não, eu informei que eu estaria descendo, tá? Que eu teria que dar essa entrevista, que eu teria que estar participando.

Roberto Eustaáquio: Porque eu posso te mandar isso no Whatsapp e você pensar com calma e você me mandar os nomes.

Herval: Não, nós podemos falar isso aqui agora.

Roberto Eustaáquio: Então beleza.

[Pós ocupação]

Herval: No bloco 2B tem o Luis Ferraz, o Hermiro Costa, esses três trabalharam na equipe de construção e são pedreiros. O Luís parece que já parou, o Hermiro eu não sei se ainda faz algum tipo de serviço, ele é marido hoje da síndica geral. O Wilson, eu acredito que ele faz até serviço interno, para ficar mais fácil a contratação de profissional. Tem um bombeiro hidráulico, que fez a parte de incêndio da obra, não sei se reside lá ainda, mas é o Edvaldo, no apartamento 402 no bloco 3A. Tem o... aí no caso isso aí é pedreiro, tá? Tem alguém que participou de outro grupo que vocês querem...

Roberto Eustaáquio: Não, esses nomes já são suficientes pra nós, tá?

Herval: Eu não sei o número de nenhum deles, tá?

Roberto Eustaáquio: Não, eu me viro, porque aqui com os nomes...

Herval: Mas o Wilson ele mora no apartamento 302 do bloco 1A. Luís Ferraz mora no apartamento 203 do bloco 2B. O Hermiro mora no apartamento 204 no bloco 2B.

Roberto Eustaáquio: Beleza, está tudo anotado, porque daí agora eu me viro para encontrá-los, isso aí já foi uma indicação muito boa.

Herval: Certo.

Giselle: Josi, você quer falar alguma coisa?

Josiany: [...] Só agradecer mesmo.

Giselle: Ô Herval, a gente agradece demais a sua disponibilidade, principalmente no contexto que você está vivendo. Desejo melhoras para sua mãe, uma pronta recuperação. Agradeço demais e assim que a gente tiver conseguido transcrever essa entrevista, eu te envio pelo Whatsapp para você poder ler, ver se tem alguma questão que você queira retirar, enfim...

Herval: Eu não tiro nem uma letra, nem uma vírgula, nem um pingão do que eu falei.

Giselle: Perfeito, mas a gente faz isso para todos os entrevistados. É só uma garantia do que está sendo registrado aqui, mas para você ter tranquilidade. Isso vai ser utilizado para fins estritamente acadêmicos, produção de texto e tudo, dentro da UFMG e a nossa ideia depois é compartilhar esse material com vocês, as pessoas que estiveram envolvidas, que nos ajudaram...

Roberto Eustaáquio: Nós vamos fazer um livrinho, um livro, para cada conjunto. Nesse momento, temos recurso para fazer quatro livros.

Giselle: A gente vai fazer um livro de cada conjunto, que a gente está estudando da autogestão, um deles é o Fernão Dias, e a ideia é depois de devolver isso para vocês, por isso que a gente está coletando esse material com as histórias e produzindo um material gráfico que será disponibilizado para os moradores, para as pessoas que nos concederam essas entrevistas.

Herval: Como vocês vão confeccionar um livro, tá? Pela internet vocês tem acesso ao livro de comemoração aos 15 anos do Orçamento Participativo e lá tem um conteúdo muito legal de várias lideranças... eu ocupo três páginas desse livro com fotos do residencial, que eles tiraram. Não está muito parecido comigo hoje não, mas ainda dá para identificar, mas pela internet. Agora, se vocês quiserem um exemplar desse livro, como eu tenho três, eu posso doar para a UFMG sem problema nenhum.

Roberto Eustaáquio: Agradecemos muito.

Giselle: Bacana Herval, qualquer coisa a gente entra em contato.

Roberto Eustaáquio: Eu certamente irei entrar em contato com você, para ver se a gente consegue fazer algum registro fotográfico desse material, do qual você é tutor. Mas vamos esperar passar as festas e esse fim de ano, eu entro em contato com você pelo Whatsapp.

Herval: Deixa eu informar para vocês o seguinte. Depois, assim que virar o ano, eu vou dar uma saída de Belo Horizonte, então assim, vocês vão me encontrar em Belo Horizonte até no máximo dia quatro de janeiro, ou quando, uma ou duas vezes, que eu tiver de volta, num final de semana, ou que eu tiver médico, por exemplo, aqui em Belo Horizonte.

Roberto Eustaáquio: Isso aí vai ser no momento que você puder, tá? Isso a gente vai entrando em contato e aí você fala 'em tal fim de semana pode' e eu dou um jeito de ir encontrá-lo, tá?

Herval: Agora deixe eu passar para vocês. Como eu tive muitas fotos que o tempo deteriorou, por causa do guardado, a ASP tem um registro fenomenal, a URBEL também, apesar de que a URBEL não deve saber onde que está, porque mudou secretaria de habitação, mas os projetos por serem responsabilidades deles, eles têm que ter.

Giselle: Os projetos eu já consegui.

Herval: Eu tenho todos eles também. Seria o que mais? Nota fiscal? Nota fiscal eu posso apresentar para vocês a última prestação de contas da Associação que ainda não foi fechada na URBEL por

questões políticas, sociais, pessoais, ela está comigo, a última prestação de contas. O Convênio da construção, o original está comigo, atas da Associação, as originais estão comigo, o livro de presenças está comigo, mas eu, a partir do momento que vocês entrarem em contato, e que a Maria da Luz, ela me enviar por escrito, tá? Vocês solicitam por escrito, por gentileza, e ela me envia por escrito. Isso é uma questão pessoal e profissional minha, tá? Pode falar isso com ela porque papel pra mim, a sua fala, se eu não gravar ela não tem valor, a minha fala, sem ser gravada,, não tem valor, o papel pra mim tem que ser assinado. Então, você solicita, você, o senhor, não sei qual é a sua idade, as meninas que são mais novas do que, se for mãe, são senhoras, tá? E eu agradeço de montão essa confiança de vocês e deixo frisado, vocês da UFMG, alunos, formandos da UFMG, parabeno esse trabalho e reafirmo que as nossas Associações foram parceiras da UFMG em estágios e desejo que continue sendo, que nós podemos assinar estágios na área social, na área de construção civil, nós podemos assinar o estágio social, e como eu sou responsável por essa parte eu não assino estágio que a pessoa simplesmente me pediu. Tem uma estagiária, a mãe de uma ex-aluna de Biblioteconomia da UFMG, mora lá no residencial, tá? Ela fez o estágio com mais três ou quatro na sede da Associação. Vocês podem estar entrando em contato, não sei se é interessante, o estágio de Direito da Maria da Luz foi eu que assinei, eu assinei o estágio da filha da Maria da Luz como pedagoga. Eu estou relatando isso, porque faz parte de uma história social. Já assinei de engenheiro, conforme eu disse, de arquiteto da UFMG, da PUC, da Pedro II, da UNA, da UNI, mas todos tiveram que prestar realmente um estágio. Isso é exigência e eu exigo, se eu precisar de, hoje, de alguma área, eu procuro conhecimento social para que a pessoa possa liberar o espaço, ou se tiver que ser feito dentro de uma escola, essa parte eu acho muito agradável, muito confortável e é de grande valia para a sociedade num todo. A gente saber que aquela pessoa, e que vocês aí estão buscando um histórico de uma história de mais de 30 anos. Se vocês pegam o histórico da Maria da Luz, já vai fazer 50 anos de movimento; ela é o tipo de pessoa, que antes do movimento ser organizado, ela já tinha participação nesse movimento 'eu quero a minha casa, eu quero meu direito garantido'. Acho que a minha bateria deve descarregar.

Giselle: Tá ótimo Herval. Não, só te agradecer.

Roberto Eustaáquio: Só agradecer muito.

Giselle: Muito obrigada, um abraço e boa recuperação para sua mãe.

Herval: Muito obrigado e qualquer coisa se tiver alguma dúvida ou se eu embolei em algum lugar, se eu repeti demais, porque buscar essa história, depois de tudo que eu já passei, devido a essas lutas nossas como liderança comunitária ou também várias coisas psicológicas que eu passei por estar buscando também o direito, garantir o direito da sociedade... eu friso que tudo isso foi igual o irmão da Maria da Luz, que saiu de uma reunião na URBEL, uma reunião estressante no mês de junho de 2006 e morreu devido ao estresse dessa reunião, eu não sei se ela citou, se relatou alguma coisa sobre ele, mas foi um grande guerreiro e Belo Horizonte tem várias lideranças de cunho, de qualidade, e que vocês, acredito, vão desenvolver um belíssimo trabalho. Mesmo que vocês não tenham um exemplar do livro, na classe que vocês devem fazer, mesmo a cópia, eu gostaria de receber.

Roberto Eustaáquio: Sem dúvida.

Giselle: Lógico, pode deixar.

Herval: Não me pede pra pagar não, vocês fazem um esforço aí que resolve. [risos em momento de descontração].

Giselle: Não [risos], a ideia é realmente de ter uma distribuição gratuita. Muito obrigada, viu Herval?

Herval: Obrigado, e estou a disposição a qualquer momento, para vocês, para outros alunos, eu não me canso de repetir essa história.

Giselle: Muito obrigada.

Herval: Por nada.

Fim da entrevista.